

Heróis do Mar (VII) *

Revolucionário ao sabor das ondas

FILIPA DO CARMO
filipadocarmo@aurinegra.com

António Domingues Gabriel fez-se menino e depois homem por entre as redes de pesca da Praia de Mira. Descendente de “lobos-do-mar”, desde o dia 8 de Dezembro de 1949, quando pela primeira vez abriu os olhos para o mundo, que a sua vida e a do mar jamais se desvincilharam. No imenso azul buscou sustento, encontrou motivação, colheu ensinamentos e fez a sua própria revolução.

“Nascido e criado na Praia de Mira”, António Gabriel viu, desde sempre, o seu destino ligado ao mar. Da sua casa, paredes meias com uma duna, ouve-se o constante vaivém das marés, o arrulhar das ondas que se despedaçam na areia, o lamento suplicante das gaivotas que ficaram em terra. Nasceu na Praia e ali cresceu, brincou e conheceu o fado de ser pescador, por tantos poetas cantado numa merecida homenagem aos homens e mulheres que travam, todos os dias, uma luta silenciosa com o indomável e poderoso mar.

“Esta já era a vida do meu bisavô. Recordo-me ser pequenito e andar com o meu avô paterno, que era redeiro, a amarrar cortiças nas redes que se usavam na Arte Xávega. Aos 13 anos fiz a minha primeira safra na Arte”. No corpo de menino vivia, já, o espírito de um pescador determinado, nas mãos bailava a determinação de alguém que sempre soube aquilo para que nasceu: “Como se costuma dizer, filho de peixe sabe nadar. Quando se vive rodeado de pescadores e toda a família se dedica à faina, dificilmente se seguirá outro caminho”.

A cédula marítima, obtida por António Gabriel aos 14 anos, foi o passo seguinte no percurso para se tornar um pescador por direito próprio. “Depois de tirar a cédula fiz por aqui algumas safras na companhia, ainda as xávegas eram puxadas por bois. Aos 15 fui para a traineira como moço, na zona de Aveiro”. Em 1968, com 18 anos e toda uma vida pela frente, viu-se perante a um dilema que muitos outros tiveram que enfrentar: ficar em terra firme e ser chamado para a guerra numa colónia ou fazer-se ao mar e dar um punhado de anos à pesca do bacalhau.

A escolha, não tendo sido



fácil, foi, pelo menos, óbvia: “Todos tínhamos medo de ir lutar e andar aos tiros, principalmente as mães e os pais, que temiam pelos filhos. Uma das fugas a essa guerra [do Ultramar] era a pesca do bacalhau. Os mais velhos contavam-nos que era uma vida muito dura, que quando regressávamos não éramos os mesmos, mas pelo menos livrávamo-nos de uma situação que não queríamos”. Para muitos era como escolher entre dois venenos potencialmente letais. Para António Gabriel foi a saída possível: “Se recordarmos o que foi a guerra do Ultramar... se aquilo foi mau! Óbvio que se havia algo que nos permitia fugir a isso, também não podia ser uma coisa assim tão boa. Por muito que os homens que lá andaram contem, nunca se conta tudo. Só quem lá esteve é que sabe”.

PELA IGUALDADE

A expectativa de ir descobrir o mundo do outro lado do oceano era um dos principais factores motivacionais para quem embarcava. A este aspecto juntava-se a compen-

sação monetária que, para os padrões da época, era bastante aliciante. Ainda assim, o friozinho no estômago fazia-se sempre convidado na hora de partir pela primeira vez: “Na primeira viagem havia sempre uma certa ansiedade, uma vontade de partir. Com o passar do tempo e quantas mais viagens fazíamos, mais custava sair daqui. Quinze dias antes de embarcar, quando éramos informados da data, deixávamos de assobiar e os nossos familiares faziam-nos as malas a chorar. Cada partida era sempre mais difícil”.

Não conheceu a solidão dos dóris, usados na pesca do bacalhau à linha, mas nem por isso a sua passagem pela Faina Maior foi pêra doce. Foi no “Rio Alfusqueiro”, em 1968, que fez a sua estreia nas águas gélidas do Norte. “Fui de moço no navio que tinha sido de pesca à linha mas que entretanto havia sido transformado em arrastão. O enjoo, a vida a bordo, as partidas que os mais velhos nos pregavam, são coisas que nunca se esquecem. Uma companha tinha mais de sessenta homens divididos por

quatro quartos, entre redeiros, escaladores, salgadores, maduros e moços, sendo que estes últimos eram os mais inexperientes e faziam de tudo, desde servir no refeitório e lavar os pratos, até baldear as camaratas”.

De moço a maduro e daí para a categoria específica: “Era filho e neto de homens que trabalhavam nas redes e eu também gostava, portanto estava escolhida a sorte. Cheguei a ser mestre de redes noutras embarcações, coisa de que muito me orgulho”. Outro feito de que fala com manifesto apreço é a revolução a bordo, da qual foi parte integrante, e que, ainda no tempo do Estado Novo, lhe valeu um castigo exemplar. Revoltado com as injustiças que via serem cometidas, diante de todos, decidiu que era tempo de agir: “Havia muita discriminação. Por exemplo, a comida a bordo era repartida em três categorias, a saber: a messe dos oficiais, a da mestrança e depois a nossa. Tenho muito orgulho em dizer que fiz parte de uma greve, uma rebelião a bordo do navio ‘Rio Alfusqueiro’ em 1972. O que nos motivou foi, entre outras coi-

sas, a falta de palavra com que éramos tratados, já que tínhamos sido prometido o Natal em casa e não foi isso que aconteceu. Em terra as pessoas são uma coisa, no mar são outra”.

A quem não tem palavra os pescadores decidiram responder através de actos: “Foi criado um movimento clandestino a bordo e avançamos com o pré-aviso de que íamos parar se não estivessemos em casa para passar o Natal. Levámos aquilo até ao fim e no dia 15 de Dezembro parámos. Hoje não sei se conseguia fazer aquilo e também não sei se haveria pessoal que nos acompanhasse”. A greve rendeu-lhes castigo mas terá valido a pena, pois que a alma não era, de todo, pequena: “Chegámos a Aveiro antes da passagem de ano mas não pudemos avisar a família. Tínhamos a PIDE à nossa espera, as nossas cédulas foram confiscadas, e ainda levámos com um processo disciplinar, o que naquela altura era muito grave. Valeu-nos, depois, o 25 de Abril”. O tom de voz não esconde a revolta e o olhar, altivo, revela orgulho e brío.

A Revolução dos Cravos trouxe mudanças no seio das embarcações, mudanças que António Gabriel, já na posição de mestre, fez questão de implementar. Ao fim e ao cabo, lá no meio do mar, eram todos iguais. “Havia hierarquia mas baseava-se, sobretudo, no respeito. De resto éramos iguais, até porque quem trabalha mais num navio é quem está no convés. Não era justo que os oficiais comessem do bom e do melhor e a nossa comida fosse como alimento para cães”. A segunda metade da década de oitenta marca o início do fim da frota bacalhadeira e “Tó” Gabriel vira-se para outras paragens. Após completar o curso de mestre costeiro embarca num navio de pesca de camarão, ao largo do Senegal, onde se manteve até o seu coração o mandar afastar-se da vida no mar.

“Em 2000 tive que me retirar por motivos de saúde. Foi um abandono forçado e com muita pena minha, até porque tinha feito há pouco tempo o curso de mestre do alto”. O coração ditou o fim das campanhas mas não conseguiu que António Gabriel e o mar deixassem de estar unidos: “Quase todos os dias sonho com o mar. Deu-me experiência, sabedoria e coragem, é como se chamasse por mim e eu gostava de lá voltar”.

* Este texto é o sétimo de uma série que o AuriNegra está a dedicar aos pescadores de bacalhau

Natal no alto

As partidas para o mar não escolhiam data e tanto fazia que fosse Natal, Páscoa ou o dia em que estava para nascer o primeiro filho. “Para dizer a verdade não sei quantos natais passei fora, longe da minha família, no mar. Já tentei fazer as contas mas não consigo”. A família em terra, reunida à volta da mesa onde o lugar vazio é como um espinho cravado no coração. Lá longe, no alto mar, sozinho no meio de mais de meia centena de companheiros, António Gabriel só tinha do tradicional Natal a presença do bacalhau. Do es-

pírito natalício e do calor dos entes queridos, só a recordação de outros anos.

“Era uma data que custava muito a passar. Houve um ano em que ficámos bloqueados num canal, no meio do gelo. Recordo-me desse Natal, um Natal triste, em que ainda por cima antes de começarmos a ceiar o comandante foi à rede e como uma vinha partida tivemos que estar perto de duas horas, com 15 graus negativos, a consertá-la. Esse só não foi para esquecer porque depois vieram mais”.